



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Renata Alves Bandeira

NARCISISMO CONTEMPORÂNEO E SUA INFLUÊNCIA NA CONJUGALIDADE

Palmas – TO

2020

Renata Alves Bandeira
NARCISISMO CONTEMPORÂNEO E SUA INFLUÊNCIA NA CONJUGALIDADE

Trabalho elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Irenides Teixeira.

Renata Alves Bandeira

NARCISISMO CONTEMPORÂNEO E SUA INFLUÊNCIA NA CONJUGALIDADE

Trabalho elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Irenides Teixeira.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Irenides Teixeira
Orientadora
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP ULBRA

Prof^a. Me. Cristina D'Ornellas Filipakis
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP ULBRA

Prof^a. Me. Muriel Correa Neves Rodrigues
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP ULBRA

Palmas – TO

2020

RESUMO

BANDEIRA, Renata Alves. **Narcisismo Contemporâneo e sua Influência na Conjugalidade**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2020.

A noção de narcisismo torna-se especialmente fecunda para pensar o mal-estar na atualidade, pois os laços sociais ficam circunscritos ao campo da imagem, especialmente a imagem de si mesmo. O estudo aborda o processo de construção teórica da noção de narcisismo descrito primeiramente por Freud e vivenciado com força na contemporaneidade. Desta forma, esta pesquisa visa compreender de que forma o narcisismo contemporâneo influencia na conjugalidade. A pesquisa apresenta-se como uma revisão bibliográfica e foi constituída por meio de publicações científicas sobre o tema e publicações em periódicos de preferência dos últimos cinco anos (2014 a 2019). Para a coleta de dados, foram utilizadas as plataformas da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os resultados mostram que as transformações na sociedade contemporânea evidenciam a ausência de limites e a abundância de paradoxos que passaram a influenciar tanto o psiquismo humano, o social e as relações conjugais. Com isso, surgem às patologias do vazio, que associadas ao narcisismo geram um padrão de empobrecimento de vínculos íntimos, e se relacionam à ameaça e dependência. A relação com a pessoa narcísica é difícil e com grande possibilidade ao fracasso porque esta não reconhece a existência do outro enquanto alguém diferente e capaz de amar; a abordagem clínica deste tipo de perturbações é demorada e com bastantes dificuldades, destacando-se a forte resistência por parte do sujeito; e para o parceiro do narcisista o processo terapêutico é uma forte arma na luta contra a dor e os possíveis traumas decorrentes da relação.

Palavras-chave: Narcisismo. Conjugalidade. Narcisismo contemporâneo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia
Lilacs	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online /PubMed
PePSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
RS	Redes Sociais
SciELO	Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 NARCISIMO	11
2.2 O NARCISISMO CONTEMPORÂNEO.....	15
2.3 CONJUGALIDADE	18
3 METODOLOGIA	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1 CONJUGABILIDADE EM TEMPOS NARCISISTAS	23
4.2 PERSONALIDADE E COMPORTAMENTO NARCISITA NA CONJUGABILIDADE	26
4.3 PROCESSO TERAPEUTICO DIANTE DO NARCISISMO.....	29
4.4 PROCESSO TERAPEUTICO DO PARCEIRO NARCISISTA	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Conforme a psicanálise, os quadros clínicos na atualidade possuem uma ancoragem central na problemática narcísica. Diversos autores, tais como Freud (1914), Green (1988), Lazzarini (2010), Birman (2012), Eiguer (2014), Aquino; de Assis (2016) destacam a importância da noção de narcisismo para a compreensão dos sofrimentos que emergem na clínica psicanalítica atual e nas relações do eu com o outro. Portanto, os estudos enfocam que hoje vivemos em uma sociedade narcisista, e conseqüentemente as relações conjugais sofrem forte influência desta realidade.

Há entendimento de que a conjugalidade é forjada em uma dimensão intersubjetiva, e não somente a partir da dimensão intrapsíquica. Neste sentido, ressaltam-se aspectos narcísicos e identitários relacionados aos objetos parentais internalizados que remontam aos primeiros objetos de amor e à vivência edípica de cada um dos parceiros, uma vez que essa trama identificatória estará presente na constituição de um psiquismo compartilhado entre o casal (MACHADO, MAGALHÃES e PALERMO, 2016).

Para ilustrar a importância do conceito de narcisismo e sua fecundidade para a Psicanálise, a Revista Brasileira de Psicanálise dedicou todo um editorial sobre a temática em 2014, no centenário da publicação do artigo de Freud, Introdução ao Narcisismo (1914), destacando sua relevância conceitual, sua ressonância na clínica psicanalítica e suas implicações para o campo cultural na contemporaneidade (AQUINO, DE ASSIS, 2016).

O conceito de narcisismo apresenta-se como amplo, denso e importante na construção da teoria freudiana e da psicanálise. Freud (1914), em seu artigo Introdução ao Narcisismo, coloca que a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao ego, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo.

Desde 1885, uma das preocupações de Freud era mostrar que o ego não é necessariamente um sujeito; porém, é em seu estudo sobre o narcisismo que a questão do eu toma corpo em sua teoria psicanalítica, quando ele afirma que o investimento libidinal do ego é inseparável da própria constituição do eu humano (FREUD, 1914).

As referências a respeito do tema narcisismo nas obras de Freud revelam uma contínua evolução do seu conceito que perpetua até a atualidade. É importante ressaltar que hoje em dia, na maioria das vezes, o termo narcisismo é usado tão livremente e com tanta frequência, que este conserva muito pouco de sua significação psicológica. Nesse sentido, vem sofrendo modificações nos aspectos das transformações do conceito e, principalmente, em sua ligação com a clínica contemporânea. Ou seja, encontram-se diferentes estudos, nos quais, em suas múltiplas facetas de análise, o narcisismo se relaciona com diferentes problemáticas que ressonam na clínica, como: os estados-limites, a depressão, melancolia, anorexia, drogadição e a escolha amorosa (FALCÃO, 2014; SOARES, 2014).

Aquino e Assis (2016) destacam que a cultura contemporânea está imersa em novos modos de socialização e modos de organização da experiência, assim o narcisismo surge neste cenário como um meio de compreender o impacto psicológico das recentes e preocupantes mudanças na sociedade. Existem diversos grupos que caminham na direção de uma inflação do narcisismo no mundo contemporâneo, isto é, uma defesa narcisista contra a dependência, um profundo temor da velhice e da morte, o fascínio pela fama e o declínio do espírito lúdico tão necessário para a relação saudável e verdadeira com o eu e com o outro.

Atualmente, as mídias sociais mediam a criação de mitos, não havendo só a simulação de um personagem, mas a edição deste, em busca de aceitação e reconhecimento. Entendidas como espaços para troca de informações, estas mídias também constituem “locais” de subjetividade, nos quais os sujeitos reinventam-se, mostrando-se da forma que desejam ser vistos, e desta forma adentram a relação conjugal sem conhecer verdadeiramente o outro e aquilo que o constitui. É mais provável que conheça apenas o que o outro sempre desejou ser (SOBRINHO, 2014).

Além disso, apresentam-se como meio de exibição/exaltação pessoal, em uma espécie de culto à própria imagem, que traz particularidades análogas às propostas por Lasch em seu conceito de narcisismo contemporâneo, tais como o desejo de admiração e aprovação (LASCH, 1983). Um dos exemplos mais representativos desta realidade corresponde ao *selfie* (autorretrato), que se tornou um verdadeiro fenômeno, tanto nas mídias como na vida cotidiana, o que demonstra

um forte desejo de projetar a própria imagem e muitas vezes a imagem do parceiro conjugal.

As relações conjugais imaturas se caracterizam por apresentar uma qualidade narcísica preponderando sobre a esfera criativa, trazendo para a cena conjugal uma percepção deturpada de si e do parceiro. Na tentativa de evitar a perda e o luto de aspectos idealizados na conjugalidade, mecanismos de defesa são usados de forma intensa, buscando um estado fusional em detrimento de uma relação objetal em que haja uma maior diferenciação entre o eu e o não-eu. Desse modo, o laço conjugal, em muitos casos, assume conotações patógenas, contribuindo para esvaziar as experiências do espaço potencial (MACHADO, MAGALHÃES e PALERMO, 2016).

Com o intuito de averiguar os construtos científicos a respeito do tema “Narcisismo contemporâneo e sua influência na conjugalidade”, verificou-se por meio de buscas na base de dados nas plataformas digitais (SciELO, BVS-Psi e BDTD) que as pesquisas nesse campo ainda são incipientes, ou seja, há diversos estudos envolvendo o tema narcisismo, mas não direcionado às possíveis influências na conjugalidade.

É importante salientar que diversos autores (BIRMAN, 2012; AQUINO, DE ASSIS, 2016; WIECZOREK, 2016) ressaltam que atualmente vivemos numa era narcisista, onde os conflitos conjugais, separações, divórcios e relacionamentos abusivos são cada vez mais frequentes o que traz a necessidade de pesquisas acerca do assunto e potencializa a relevância social e acadêmica ao tema abordado.

Portanto, esta pesquisa objetivou compreender de que forma o narcisismo e suas várias faces podem influenciar as relações conjugais na contemporaneidade; descrever as influências da contemporaneidade no cotidiano do narcisista e nas suas relações conjugais; identificar quais características de personalidade o narcisista contemporâneo desenvolve nas relações conjugais; verificar de que forma a análise psicanalítica pode contribuir com o narcisista e o seu cônjuge diante de conflitos e traumas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 NARCISISMO

O conceito de narcisismo fora extraído da literatura psiquiátrica no final do século XIX e assimilado pela psicanálise em 1905, a partir das teses desenvolvidas por Freud em seus Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Entretanto, é importante considerar que as primeiras associações do mito Narciso às dificuldades psicológicas tiveram autoria de Havelock Ellis e Alfred Binet. Ellis, em 1898, descreveu os casos da homossexualidade como amor de uma pessoa pelo reflexo de si mesma refletida numa outra do mesmo sexo, e Binet comparou a um fetichismo em que a própria pessoa se tomava como objeto sexual (PADOVAN, 2017).

No entanto, o primeiro a introduzir o termo narcisismo no campo da psiquiatria foi Paule Nacke, em 1899, referindo-se aos sujeitos que tratavam o seu próprio corpo da mesma forma que um objeto sexual é tratado, contemplando e acariciando até obter satisfação. Este autor ainda refere que, Nacke, ao considerar o amor próprio como um indicador de saúde psicológica, declara que a diferença entre este e o narcisismo encontra-se ao nível de uma autoadmiração de natureza mórbida (PADOVAN, 2017).

Porém, o termo teve maior abrangência a partir do momento em que a teoria psicanalítica de Freud começou a ter um reconhecimento por parte do mundo científico de sua época, visto que muitos despertaram interesse em conhecê-la. Em Viena, no ano de 1902, pessoas interessadas em aprender a psicanálise, criaram a Sociedade Psicológica das Quartas-feiras. Essas reuniões, inicialmente, aconteciam na casa de Freud. A psicanálise foi se tornando cada vez mais conhecida e, com isso, em todo o mundo, cada vez mais aumentava o número de adeptos. Quando foi constituída uma instituição internacional de psicanálise, pessoas que já se encontravam para discuti-la formavam suas sociedades psicanalíticas. Em 1908, era formada a Sociedade Psicanalítica de Viena (GAIO, SIMANKE, 2015).

Nestes encontros, em Viena, elaborou-se uma obra publicada em quatro volumes, entre 1906 a 1918, com traduções em inglês e no francês. Freud empregou o termo narcisismo pela primeira vez durante uma reunião da Sociedade

Psicanalítica em 1909 com o tema *A Case of Multiform Perversion (part2)*, quando declarou que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal (MARCOS, 2016).

Portanto, o principal autor do narcisismo foi Freud. Aproveitando-se da mitologia grega para desvendar o inconsciente humano, serviu-se do mito de Narciso para descrever e ilustrar esta condição psíquica, não só a colocando como uma condição patológica, mas também como uma fase essencial e estruturante do desenvolvimento humano (AQUINO e ASSIS, 2016).

A noção de narcisismo na obra freudiana representou uma grande transformação na teoria psicanalítica, e a elaboração do conceito levou décadas, principalmente pelas enormes dificuldades que Freud encontrou, o que explica a transformação do conceito de narcisismo ao longo da obra (MARCOS, 2016).

Como dito anteriormente, a primeira publicação do termo por Freud se dá em uma nota de rodapé extensa na segunda edição dos *Três ensaios da teoria sexual*, onde o autor fala sobre a escolha de objeto nos homossexuais, escolhas que se caracterizam por uma conduta em que o indivíduo toma seu próprio corpo como objeto sexual:

Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram jovens parecidos como sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1905, p.137).

Por fim, no texto *Introdução ao narcisismo*, Freud utiliza-se de três partes para colocar o narcisismo como uma etapa normal no desenvolvimento, ou seja, não mais assimilar o narcisismo como uma perversão – escolha do próprio corpo como objeto de investimento amoroso – e assim coloca-o como forma primordial de constituição de subjetividade; defender sua teoria da libido em confronto com a de Jung; definir narcisismo primário e secundário em uma primeira perspectiva, reutilizar o conceito de apoio, dessa vez como forma de escolha de objeto, entre outros (GAIO, SIMANKE, 2015).

Araújo (2010) no seu artigo *Considerações Sobre o Narcisismo* relata que entre os múltiplos fenômenos que compõem essa existência humana para a

psicanálise, talvez nenhum outro tenha adquirido um caráter tão negativo, tão patológico e indesejável quanto o narcisismo. Ser narcisista significa estar no outro extremo do ideal cristão de amor ao próximo, do desprendimento e da humildade, em favor do amor a si mesmo. Daí porque o narcisismo gera tanta repulsa. Ninguém quer ser qualificado como narcisista. Narcisistas são os outros. A sociedade é narcisista, perversa. Mas, afinal, o que o ele significa?

Padovan (2017), no seu artigo *As Origens Médico-Psiquiátricas do Conceito Psicanalítico de Narcisismo* cita Ellis (1898), que descreve um caso que exibiria justamente aquilo chamado de “disposição para agir como Narciso”. Trata-se do caso de:

(...) uma senhora de 28 anos de idade, de grandes, porém, finas proporções, ativa, saudável e inteligente, que, no entanto, não demonstra atração sexual pelo sexo oposto; ao mesmo tempo, ela não é invertida, ainda que desejasse ser um homem, e tivesse um considerável grau de desprezo por mulheres. Ela tem uma intensa admiração por sua própria pessoa, especialmente pelos seus membros; ela nunca está tão feliz como nos momentos em que está sozinha e nua em seu próprio quarto e, tanto quanto possível, ela cultiva a nudez. Ela sabe de cor as várias medidas de seu corpo e orgulha-se do fato de que estas estão estritamente de acordo com os cânones de perfeição. Ela ri orgulhosamente ao pensar que sua coxa é mais grossa que a cintura de muitas mulheres. Ela é franca e segura em seus modos, sem timidez sexual, e ainda que queira receber atenção e admiração de outros, ela não faz esforços para obtê-los. Ela jamais, em nenhum momento, experimentou nenhuma emoção mais forte que o próprio prazer consigo mesma (ELLIS, 1898a, p. 280).

Buscando avançar em relação às antigas definições, Sadger (1908) afirma que o amor dirigido a si mesmo poderia, a partir de uma investigação psicanalítica, ser entendido como a reprodução de um amor, por vezes abusivo, que fora um dia dado pela mãe. Nestas condições, o sujeito reuniria, em seu próprio corpo, aquele que acaricia e aquele que é acariciado. No caso do primeiro paciente por ele discutido, uma jovem de 28 anos, a análise de certas fantasias revelou uma espécie de reunião “da mãe e da criança em um só corpo” que remontaria à primeira infância.

É importante considerar que a teoria psicanalítica interpreta dois tipos de narcisismo, o primário, que é caracterizado pelo amor próprio como prioritário e antecedente do amor ao outro, e o narcisismo secundário, que resulta do retorno para o ego da libido retirada dos objetos, ou seja, da identificação do sujeito com esse objeto (DESSUANT, 1992). Em tese, Araújo (2010, p.81) expõe que “de modo

geral, tanto os traços do narcisismo primário como os do narcisismo secundário irão constituir a personalidade e acompanhar o indivíduo durante toda a sua existência”.

Langaro e Benetti (2014) descrevem de maneira clara que no desenvolvimento saudável do sujeito, a separação dos pais e o desenvolvimento de um eu individualizado procede durante o final da adolescência e o aparecimento da vida adulta. Isso é facilitado pela presença do narcisismo adaptável, o qual apoia e liberta o quase adulto para desenvolver suas próprias metas, valores e esforço automotivado. Sob circunstâncias ideais, o desenvolvimento adulto é apoiado por este narcisismo saudável; o indivíduo torna-se bem-sucedido e realizado e, a partir dessas realizações na realidade, ele ou ela desenvolve um narcisismo saudável futuro. Em suma, o fracasso para individualizar-se, e para descrever um eu autônomo, resulta no desenvolvimento do narcisismo mal adaptável. Tal narcisismo funciona para proteger o indivíduo de experiências de desapontamento e desilusão associadas ao fracasso para alcançar metas não realistas, grandiosas e do reconhecimento do eu "falso" e pobremente articulado. No entanto, a inaptidão para a separação e para se tornar autônomo, impedem o crescimento psíquico e por último, a saúde psíquica.

Assim, o narcisismo pode ser descrito por dois polos: o narcisismo patológico e o narcisismo normal. Essa noção sustenta-se em aspectos da personalidade voltados para autoestima e conhecimento, tais como preservação de interesses pessoais, investimento em crescimento e maturação, que seriam os aspectos positivos do narcisismo. O narcisismo saudável caracteriza-se por uma boa autoestima, a qual apoia o esforço para conquistas e carreiras de sucesso, bem como para a iniciativa humana, criatividade e bondade. Em oposição, os aspectos negativos referem-se a sentimentos de grandiosidade e autossuficiência, à falta de empatia, agressividade, impulsividade e oscilações depressivas intensas quando frente à frustração. O narcisismo mal adaptável, que ocorre quando o eu está disperso ou inseguro, caracteriza-se pela autoampliação, procura de poder e condescendência como forma de proteção contra sentimentos de inadequação. Nesse sentido, evidências clínicas indicam que esses indivíduos frequentemente têm um senso abaixo da baixa autovalorização. Portanto, o narcisismo mal-adaptável é provável na influência do impacto negativo na saúde psíquica, provocando o desajustamento do sujeito (LANGARO, BENETTI, 2014).

Portanto, pensando em um contexto geral, o narcisismo é definido como uma admiração pela própria imagem, podendo estar presente em todos os seres humanos como uma característica normal – dentro de certos parâmetros – quando o indivíduo alimenta uma paixão por si. Contudo, quando esse investimento por si passa a ser exorbitante, o sujeito pode desenvolver patologias relacionadas ao narcisismo, se o mesmo possuir um senso inflado de auto importância, o que passa a prejudicar suas relações, além de impossibilitar a sua capacidade de lidar com críticas e também de relacionar-se de modo profundo e saudável (ZIEMERMAN, 2004).

2.2 O NARCISISMO CONTEMPORÂNEO

De acordo com Birman (2012), o sujeito na contemporaneidade encontra-se à deriva, mas também com sua possibilidade de simbolização empobrecida e neste contexto o narcisismo apresenta-se como uma saída defensiva de sujeitos com suas referências externas precárias de vínculos afetivos, sendo “o retorno ao próprio eu” uma saída do agudo sofrimento.

Os jovens narcisistas têm como características a ofensa, e julgam como sendo inimigos aqueles que lhes oferecem ideias e ideais diferentes dos seus. É fato que todos nós somos reflexos de acontecimentos que vivenciamos nas etapas do desenvolvimento, e isso inclui certamente o modo como os jovens são criados e como suas famílias e cuidadores lhes apresentam as mais distintas situações ao longo da infância e adolescência (AQUINO e ASSIS, 2016).

Castro-Lopez (2014) refere que o narcisismo infantil é fundamental no desenvolvimento, quando os pais investem na criança todas as qualidades e ao mesmo tempo revivem o próprio narcisismo infantil e o projetam em seus filhos.

Muitos pais são negligentes, técnicos em dar afeto, mas não totalmente presentes, além de uma infinidade de outros aspectos que com toda certeza influenciam nesse processo tão complexo (AQUINO e ASSIS, 2016). Com isso, de acordo com a teoria freudiana, é normal e esperado que o narcisismo esteja presente no desenvolvimento de todos nós, como já referido anteriormente, mas a forma como é vivenciado na infância influenciará nas outras fases da vida de cada um (CASTRO-LOPEZ *et. al.*, 2014).

A exemplo disso, Aquino e Assis (2016) referem que caso ocorra investimento narcísico em excesso o indivíduo poderá ficar voltado demais para si mesmo, e possivelmente terá dificuldades de estabelecer vínculos mais profundos. Esse fato pode ser bem mais comum nos nossos dias, e um dos fatores que muitas vezes desencadeia este investimento narcísico elevado é o número reduzido de filhos por família, comparados há anos anteriores, e principalmente, a forma de relação com a criança, como a maneira que esta vai vivenciar e lidar com frustrações.

Um fator importante e lembrado por Wieczorek (2016, p.21) é que “a cultura contemporânea tem preparado um terreno propício para manifestações de sofrimento através do narcisismo, que contribuem com a formação de uma ilusão de autossuficiência”.

O narcisismo na contemporaneidade trata-se também de um contexto histórico em que o envelhecimento se transforma em doença que deve ser escondida. Além disso, a gordura deve ser eliminada, o colesterol é considerado um grande vilão, o templo sagrado agora são as academias, onde fiéis do culto ao corpo são capazes de tudo para atingir o ideal de beleza, “o vale tudo” em nome de um objetivo: a perfeição narcísica (BIRMAN, 2012).

De acordo com Castro-Lopez *et.al.* (2014), o cuidado com o corpo, a construção de locais públicos que promovam condições para exercícios físicos e o enfoque na promoção da saúde são de extrema importância, no entanto, faz-se necessária a reflexão se a forma em que estes espaços estão sendo utilizados são de fato para busca de mais saúde.

Pode-se perceber o incentivo ao culto do corpo perfeito e definido, por meio da mídia, redes sociais e academias, que indicam Shakes, dietas, suplementos, anabolizantes, exercícios físicos em excesso e cirurgias, como ideais para alcançar o padrão de beleza e saúde, e alcançar a juventude tão desejada, sem analisar a necessidade indicada pela medicina (BIRMAN, 2012; WIECZOREK, 2016).

Sendo assim, é importante frisar que as subjetividades contemporâneas se encontram marcadas por um total retorno a si mesmas, isto é, o “eu” se comporta como objeto de seu próprio investimento em um contexto em que o erotismo narcísico se torna hegemônico (BIRMAN, 2012).

Birman (2001) destaca ainda que, em seus primórdios, a subjetividade na era moderna baseava-se nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesmo.

Todavia, as novas formas de subjetivação na contemporaneidade são marcadas pelo surgimento do individualismo na tradição ocidental, pela cultura cada vez mais crescente do narcisismo e pela sociedade do espetáculo, que valoriza a exterioridade. Este autor descreve, ainda, que a contemporaneidade se apresenta como algo de origem permanente e inesperada para o sujeito, que devido às constantes mudanças não consegue se regular nem se antecipar às eventualidades que surgem como um alvoroço e se alastram em sua volta.

Outros autores corroboram com as ideias de Birman (2001), quando relacionam a pós-modernidade ao individualismo, fazendo assim um recorte que leva ao narcisismo na sua dimensão patológica (CASTRO-LOPEZ ET. AL., 2014; SARAIVA, 2000).

Christopher Lasch (1983) já apontava que a cultura contemporânea está imersa em novos modos de socialização e modos de organização da experiência, e dessa forma o narcisismo surge neste cenário como um meio de compreender o impacto psicológico das recentes mudanças sociais. Existem diversos exemplos que caminham na direção de uma inflação do narcisismo no mundo contemporâneo, isto é, uma defesa narcisista contra a dependência, um profundo temor do envelhecimento e da morte, a obsessão pela fama e o declínio do espírito lúdico (LASCH, 1983).

Debord (1997) ressalta que o espetáculo está cada vez mais nítido no cotidiano das sociedades modernas. A espetacularização pode ser vista nos meios de comunicação, entre eles, a televisão, jornais, internet e principalmente nas redes sociais, ainda é possível perceber com força na política, o que traz consequências para a sociedade em massa, já que o que é revertido para o “eu” terá mais força do que o “nós”. O espetáculo, segundo este autor, significa ser notado pelo outro e a condição de espetáculo requer a presença de um expectador do fato, onde o pavor narcísico é “ser qualquer um na multidão” (DEBORD, 1997).

Langaro e Benetti (2014) corroboram com autores já citados quando diz que estamos vivendo em uma cultura com características crescentemente narcisistas; na qual há um predomínio do uso da imagem de ação em vez da reflexão para lidar com a ansiedade e um incentivo exagerado ao consumismo e ao culto ao corpo.

A subjetividade ganhou novos delineamentos através das tecnologias comunicacionais, o que alterou a forma do indivíduo em se constituir e se perceber,

e, quanto a isso, Birman (2012) pondera que todos os atuais modos de construção da subjetividade colocam o eu em uma posição privilegiada, culminando no autocentramento do sujeito que é marcado pelo exibicionismo e individualismo, o que o autor também denomina como cultura do narcisismo e sociedade do espetáculo, que vai ao encontro das convicções de Debord (1997).

2.3 CONJUGALIDADE

O estudo da conjugalidade produziu uma literatura significativa para a compreensão da dinâmica conjugal, adotando diversos enfoques, fornecendo teorias e contribuições às abordagens e modelos terapêuticos. Alguns pontos têm-se destacado nestas pesquisas, com implicações para a prática clínica, especialmente quanto à estabilidade e satisfação conjugal. O aspecto de formação da conjugalidade deve ser visto como contínuo e não meramente envolvendo as fases iniciais de engajamento amoroso, pois são os padrões de relacionamento que mantêm a conjugalidade e sua qualidade, ao longo do tempo, permitindo que esta resista às diversas circunstâncias, às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida (FÉRES-CARNEIRO, NETO, 2010).

Dessa forma, a formação da conjugalidade é percebida como um processo complexo, envolvendo diversos níveis do relacionamento e contextos que resultam na definição psicossocial de uma relação afetiva estável. Alguns autores abordam a relação conjugal como um processo de construção de uma realidade comum. Cada parceiro, ao se engajar na relação a dois, experimenta uma reconstrução de sua realidade individual, criando referências comuns e uma identidade conjugal. Esta relação é construída a partir de trocas verbais e não verbais entre os parceiros que coordenam suas ações recíprocas no universo social de significado, comprometendo-se com a construção de uma história comum, na qual as mudanças na pauta de ação de um dos cônjuges afeta o outro (FÉRES-CARNEIRO, NETO, 2010).

Assim, essa realidade comum, no qual começam a ser compartilhadas experiências que produzem pautas de interação social significativas para o casal, é onde necessidades e ansiedades se expressam na expectativa de respostas e soluções. Fantasias inconscientes de cada membro do casal a respeito do

funcionamento da conjugalidade e defesas compartilhadas possibilitam um laço através do qual se pretende responder às necessidades do outro, assim como ter as suas igualmente atendidas. O amor é responsável pela ilusão de encontrar, na realidade, o objeto desejado supostamente capaz de reeditar o encontro mítico com o objeto primordial. O desejo é levado ao objeto perdido e daí o amor constrói ilusões. O amor anseia que o objeto seja encarnado em uma pessoa e provoque a ilusão de seu reencontro (LEVY, GOMES, 2011).

Um dos conflitos centrais da atualidade envolve o desejo de homens e mulheres pelo estabelecimento de vínculos que lhes confirmem algum sentimento de segurança e pertencimento, mas, ao mesmo tempo, é notório que ambos, desconfiam da condição de permanecerem juntos, sobretudo permanentemente, pois não sabem se conseguirão enfrentar as tensões de uma vida em comum e, ainda, se estão dispostos a perder a liberdade individual, tão valorizada e prezada na contemporaneidade. Tais apontamentos partem de Bauman (2004) apud Neves, Dias e Paravidini (2013) em Amor líquido, quando enfatiza a fragilidade dos laços humanos e o quanto esta tem provocado insegurança.

Amorim e Stengel (2014), ao referirem-se à personalização das relações conjugais, utilizaram o termo “customizado” afirmando que um relacionamento conjugal combina elementos novos e antigos em busca de sua particularidade. Neste sentido, Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016) afirmam que mesmo preservando uma base pré-formatada em valores consagrados, de alguma maneira esses relacionamentos apresentam um rompimento de alguns estereótipos e paradigmas vigentes.

De acordo com Levy e Gomes (2011), ao estabelecer uma relação, o sujeito com fragilidade narcísica percebe o cônjuge como indispensável ao seu equilíbrio. Assim, a escolha acontece numa perspectiva eminentemente defensiva, ou seja, sua presença contribui na luta contra o retorno de uma parte recalcada do sujeito e, neste sentido, a relação torna-se rígida. O outro, enquanto objeto a ser possuído e controlado, passa a ser traidor quando existe fora da relação.

O narcisismo em suas formas patológicas, como no Transtorno de Personalidade Narcisista (apresentação da psiquiatria), dentro da conjugalidade, torna-se uma arma silenciosa. O silêncio da violência exercida pelo narcisista sobre seu cúmplice não é do mesmo tipo de uma relação sádica ou sado-masoquista.

A vítima sofre de maneira silenciosa, porque se trata de uma violência velada e insidiosa, negada e denegada pelo agressor, que sutilmente inverte a relação acusando o outro de ser o culpado por situações de contendas. Desta forma, a vítima se sente confusa, o que traz um sentimento de culpa, que, por vezes, inocenta o agressor, dando-lhe ainda mais poder (MARTINS, 2009).

Tal situação trata-se de um tipo de perversão que, embora sempre tenha existido, tem encontrado na cultura contemporânea um terreno evidentemente fértil, tornando-se mais comum do que poderíamos supor. Não é uma perversão explícita, mas ao contrário, inicia-se no dia a dia, nos pequenos atos, nas pequenas relações, e vai passando despercebida pela vítima e pelos vínculos próximos. Entretanto, ao longo do tempo faz ruir sua autoestima e paz interior de quem se torna objeto do perverso (LEVY, GOMES, 2011).

Esta perversão é dita narcísica por funcionar como narcisismo intersubjetivo: enquanto o narcisismo refere-se a um autocentramento defensivo, a perversão narcísica refere-se a uma falha narcísica inicial, a partir da qual o sujeito, ao invés de voltar-se para si, busca no poder exercido sobre o outro, uma forma de sustentação e preenchimento de seu próprio narcisismo, e este outro geralmente é o parceiro amoroso, culminando em extremo adoecimento, principalmente quando se trata de uma relação conjugal (LEVY, GOMES, 2011).

Indivíduos narcisicamente vulneráveis são acometidos por um sentimento de fúria quando o objeto deixa de acreditar e viver de acordo com as suas expectativas, o que pode gerar a ruptura conjugal e esta geralmente é catastrófica, envolvendo um longo e doloroso processo de separação que pode durar muitos anos, gerando a fúria narcísica. Resposta a uma ferida narcísica real ou antecipada e pode tomar a forma de uma necessidade de vingança, de reparar uma afronta, o que pode gerar até mesmo uma perseguição (MARTINS, 2009).

3. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, ou seja, é um tipo de estudo retrospectivo e secundário, o que significa dizer que a consecução da pesquisa foi desenhada e conduzida a partir da publicação de outros estudos sobre um determinado tema, e permite ao pesquisador rever diferentes conteúdos que já foram publicados sobre um determinado assunto, dessa forma, seu trabalho é otimizado para descobrir pontos que ainda não foram descobertos (CONFORTO; AMARAL; SILVA, 2011).

O presente estudo buscou informações, a fim de apresentar como tem sido discutida e realizada a prática clínica na abordagem psicanalítica voltada ao narcisismo e escritos históricos sobre o tema: narcisismo e sua influência na conjugalidade.

Foram incluídos na pesquisa material bibliográfico, escritos históricos sobre o tema e publicações em periódicos de preferência dos últimos cinco anos (2014 a 2019). Para a coleta de dados, utilizaram-se as plataformas da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scientific Electronic Library Online (SciELO). O critério de escolha destas fontes ocorreu por serem consideradas abrangentes e possuírem consistência na apresentação dos dados científicos.

Foi excluída da pesquisa a Base de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por não conter busca avançada e disponibilizar os mesmos recursos que a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) possui, tais como: consulta *online* de teses e dissertações produzidas no Brasil e modo de busca avançada, além de materiais que não disponibilizavam textos completos.

A consulta às bases de dados, empreendida para este estudo de revisão, transcorreu no período de agosto de 2019 a junho de 2020. Para a busca dos artigos, dissertações e teses utilizaram-se como descritores: narcisismo; narcisismo contemporâneo; conjugalidade. Em todas as bases selecionou-se a opção de busca avançada, país de busca, ano de publicação e o assunto a ser pesquisado. Diante dos resultados obtidos nas buscas de dados, foi realizada a leitura dos títulos, dos resumos e, dos textos completos para não correr o risco de descartar estudos

relevantes. Após a leitura exaustiva, os resultados foram apresentados e discutidos conforme literatura, de modo a responder os objetivos propostos por este estudo.

Esse tipo de pesquisa não apresenta riscos, já que o material utilizado para análise são publicações pré-existentes e disponibilizadas em meios digitais sem exposição de pessoas, apenas de ideias, construção de pensamentos e teorias sobre os assuntos abordados, e terá como benefício o avanço nos estudos relacionado a um tema atual e apresentações dos resultados para a comunidade acadêmica por meio de congressos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CONJUGALIDADE EM TEMPOS NARCISISTAS

Já não vivemos o clima da modernidade que, correspondia a um momento histórico em que as identidades masculina e feminina eram construídas em torno da divisão do trabalho que relegava exclusivamente os homens à esfera pública e as mulheres à esfera privada. Estado de coisas que atribuiu papéis rigidamente definidos a cada sexo. O indivíduo atual seria um ser sem guias externos absolutos e isso se deve à consecução dos ideais modernos de democracia e igualdade, de modo que ele foi colocado na posição de ter que julgar por si mesmo e construir suas próprias referências (SHARIM, 2016). Verifica-se, então, o lugar da cultura como elemento coadjuvante na constituição do psiquismo humano, já que a subjetividade é construída a partir de articulações das relações culturais da época com a história individual. Nesse sentido, cada época histórica tem uma forma própria de sentir, trabalhar, desejar, viver e se relacionar.

Situando a contemporaneidade, Birman (2012) descreve que a mesma se apresenta como algo de origem permanente e inesperada para o sujeito, que devido as constantes mudanças não consegue se regular, nem se antecipar as eventualidades que surgem como um alvoroço e se alastram em sua volta. Saraiva (2000) relaciona a pós-modernidade ao individualismo, fazendo assim um recorte que leva ao narcisismo. Nesse aspecto, a sociedade atual pode ser comparada com a fase do narcisismo no desenvolvimento libidinal do indivíduo, obtidas ilusoriamente pela identificação, através do consumismo, da valorização da beleza, da busca pelo sucesso.

A subjetividade ganhou novos delineamentos através das tecnologias comunicacionais e principalmente das redes sociais, o que alterou a forma do indivíduo em se constituir e se perceber, e conseqüentemente se relacionar. Quanto a isso Birman (2001) pondera que todos os atuais modos de construção da subjetividade colocam o eu em uma posição privilegiada, culminando no autocentramento do sujeito que é marcado pelo exibicionismo e individualismo. Ou seja, as sociedades contemporâneas estabeleceram como seu principal mandato "levar a vida em suas próprias mãos", expressão que revela a exigência de que os

indivíduos estão sujeitos, a estrutura do crescente processo de individualização, para cuidar de si e de suas vidas.

Dentro da conjugalidade pensa-se em intimidade, e esta, em um casal é entendida como a experiência do genuíno e do seguro. Muitas vezes, é homologada para proximidade física e relacionamento sexual. No entanto, hoje também parece associada à fusão e dependência, que estão longe da experiência de segurança mencionada acima. Especialmente no contexto da individualização, a dimensão da dependência da intimidade parece gerar uma certa animosidade em cada membro de um casal. Intimidade que aparece associada ao modelo de casal que integra amor, designando a proximidade e a familiaridade do privado em oposição ao público (SHARIM, 2016).

Nesse sentido, argumenta-se que o casamento, como um relacionamento institucionalizado, forneceria "autorização cultural" para evitar os desafios psicológicos da intimidade. Propõe uma compreensão dialética dessa tensão, em termos de apego e erotismo. O autor afirma que relacionamentos de casal, embora forneçam um elemento de segurança, não podem deixar de fora a dimensão da dor e da dificuldade. O mesmo autor acrescenta sobre as atuais relações de casal, que estão sujeitas ao paradoxo das mudanças que instalam a dimensão de gênero na sensibilidade pós-moderna da construção cultural; enquanto a sexualidade continua a habitar o espaço do "autêntico" (SHARIM, 2016).

Langaro e Benetti (2014) reinteram que como consequência, nos ideais contemporâneos, predominam a desvalorização do passado e a procura do prazer intenso, impulsivo e momentâneo, em busca de gratificações do agora. Do mesmo modo, avançam a banalização das relações pessoais, tornando os relacionamentos amorosos e afetivos superficiais e passageiros, com pouca condição de se transformarem em vínculos mais duradouros. Os afetos tornam-se tênues e as relações são vividas em meio ao tédio, à futilidade e ao vazio. Desse modo, a apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez, o gosto pelo efêmero e pelo descartável em condições extremas passaram a configurar a vida dos sujeitos em condições normais da sociedade contemporânea, os quais vivem em busca da satisfação imediata do querer e do prazer. Assim, surge uma sociedade que tende à desindividuação, à constituição de egos frágeis, extremamente dependentes do

investimento do outro, condição até mesmo de suas existências, prevalecendo a noção de sujeito como individual, solitário e indiviso. A atenção se fixa na homogeneidade, o sujeito é único, mas igual a todos.

Diante dessa complexidade e das demandas do indivíduo por essas mudanças culturais, levantou-se a recorrência do narcisismo como uma verdadeira estratégia da pós-modernidade. Uma nova etapa do individualismo seria explorada e experimentada, na qual o narcisismo revoluciona as relações do sujeito consigo mesmo, com seu corpo, com o outro e com o tempo. Livre de qualquer estrutura transcendental, a esfera privada mudaria de direção. A partir daqui, o desejo individual será o eixo que molda as relações humanas e define o futuro do Ego. Esse será seu único quadro de referência, esvaziando assim o lugar do outro em sua importância como constitutivo da subjetividade (SHARIM, 2016).

Na tentativa de sair da mesma autonomia individual que lhes dá tanta satisfação, o paradoxo é que o drama mais profundo do suposto desapego é que homens e mulheres continuam aspirando à intensidade emocional dos relacionamentos íntimos. O sujeito vive precisamente nessa contradição de se definir, relegando o outro a um lugar secundário, mas, ao mesmo tempo, ansiando na esfera do privado por uma reunião pura e genuína para a qual não está preparado. Essa tensão entre lealdade e responsabilidade em relação ao outro tem sido chamada de "uma dialética de fusão e individualismo". Talvez o amor tenha se tornado uma nova religião, e esse novo amor e sotaque do casal não seria colocado na reunião fusional, mas na busca de uma reunião de projetos individuais, que desenhassem um novo modelo de relacionamento mais democrático, cooperativo e negocial. O autor chama esse tipo de amor de confluyente e o propõe como emergente dos processos de individualização e expansão da reflexividade, diferenciando-o do amor passional e do amor romântico da tradição ocidental (SHARIM, 2016).

Contudo, a definição atual da conjugalidade é "uma equipe bem ajustada, na qual cada membro espera resultados satisfatórios para si". Diferentemente do modelo fusional, no atual, a felicidade não se concentra mais na intensidade da solidariedade afetiva do casal. É o bem-estar de cada um que mantém o casal unido. Sua permanência no tempo estaria sujeita à evidência de gratificações e

vantagens que traria a cada membro. Assim, anseia-se por um tipo de relação que lhes permitisse viver com o outro sem sofrer muitas restrições pessoais.

4.2 PERSONALIDADE E COMPORTAMENTO NARCISISTA NA CONJUGALIDADE

A Psicanálise afirma a existência de três estruturas clínicas: psicose, neurose e perversão. A neurose, atua no sujeito através de um conflito com o recalque. A psicose, com o mecanismo da forclusão (conceito dado por Lacan para designar um mecanismo específico da psicose), reconstrói, para o sujeito, uma realidade delirante ou alucinatória, ou seja, a realidade nunca é afirmada e nem admitida, é foracluída, recusada, rejeitada. Ela volta para o sujeito em forma de sintoma que será o delírio e a alucinação.

Já a perversão sofreu modificações do início freudiano aos nossos dias. Não devemos confundir a estrutura perversa psicanalítica com as perversões listadas pela psiquiatria ou outras ciências e mesmo religiões. Ela é estruturada através da denegação ou desmentido, faz com que o sujeito, ao mesmo tempo, aceite e negue a realidade, com uma fixação na sexualidade infantil. O sujeito não aceita a realidade da castração paterna, que, para ele, é inegável; mas, ainda assim, diferente do neurótico, tenta desmenti-la e negá-la. Para Lacan, a perversão será detectada no discurso de cada um. O perverso se dá o direito de transgredir a lei e viver segundo seus próprios requisitos. Além das três estruturas de personalidade, a psicanálise ainda apresenta outros dois modos de funcionamento do indivíduo, o Narcisismo e o Borderline. O Narcisismo ainda é reconhecido em dois momentos: primário e secundário. Assim, o narcisismo secundário poderá ter uma relação com a estrutura perversa, quando ele apresentar o mecanismo de recusa da realidade (MOREIRA, TEIXEIRA, 2018).

O indivíduo com uma organização perversa funciona sob dois registros. No primeiro, coloca-se adaptado à realidade, desde que não tenha que lidar com questões pertinentes à representação do sexo feminino, a falta do falo na mulher. Em um segundo registro, ele desenvolve não real para tudo que possa lembrar esta representação. Assim, parece-nos que essa forma de organização sexual, ou seja, a perversão está a serviço da manutenção de um estado narcísico. A angústia no sujeito narcísico mobilizada pela castração constitui uma ameaça para a integridade

do Eu e, nesse sentido, a denegação se torna um eixo em torno da qual, provavelmente, essa autonomia e integridade poderiam ficar asseguradas (NAVES, 1999).

Para o perverso narcísico o outro é apenas um meio de satisfação transitório e descartável, caso não preserve os seus sentimentos de onipotência. Em última análise, só alguns laços conjugais podem ser adequadamente intitulados perversos; este rótulo se aplica então a trocas sexuais nas quais o indivíduo perverso é totalmente indiferente às necessidades e desejos do outro. Do ponto de vista do perverso, a questão não é de desejo, mas sim, de necessidade, de funcionamento. Ele usa a sexualidade para fugir de estados psíquicos penosos ou para preencher lacunas no sentimento de identidade para realização de desejos libidinais (REIS FILHO, 2004).

A dimensão do ódio, da vingança, da revanche não pode ser ignorada nas relações ditas perversas. O narciso perverso tenta sair do trauma a que se viu submetido, adotando em relação ao seu objeto uma posição de atividade e domínio. Identificado ao agressor, ele deixa seu parceiro paralisado no ponto traumático. Nas parcerias homo ou heterossexuais, os laços têm valor de sintoma, bastando que haja, em pelo menos um, uma forte disposição ao masoquismo. Finalmente, resta-nos perguntar sobre a participação do sistema de valores e do imaginário cultural, tanto na tentativa de criar padrões de comportamento cujos desvios são tidos como perversões - tentativas sempre fracassadas de normatizar a pulsão - quanto na relativização da perversão, ao transformar a transgressão em norma. Nos dias atuais, em que a agressividade e a soberania narcísica são extremamente valorizadas, o sujeito não é treinado a lidar com as suas frustrações, com o desprezar, para assim conseguir estruturar o ego e para os mecanismos de defesa serem acionados frente a angústia de castração, ou seja, desde pequeno se habitua a impor sua individualidade a qualquer preço, e o outro é uma mera escada ou artefato para que ele consiga seus objetivos, isto é, triunfar sempre (REIS FILHO, 2004).

Na contemporaneidade, parece ter sentido apenas ocupar-se de si mesmo ou das próprias realizações pessoais, e mesmo assim é como se existisse um “cansaço de ser si mesmo”. Prevalece o individualismo, em detrimento da subjetividade. Muitas análises psicológicas ou sociológicas do fenômeno tendem todas à mesma

conclusão: a atenção para a subjetividade, para a dimensão da espiritualidade deu lugar a uma visão materialista na qual os indivíduos são entidades separadas, dominadas pela indiferença e pelo impulso à autorrealização a qualquer preço (MONTI, 2008).

A pergunta é: existe espaço para uma relação conjugal saudável em meio ao individualismo tão comum nos narcisistas? E de que forma esses sujeitos buscam seus parceiros amorosos?

Num mundo pautado pelo individualismo, competitividade e pelo sucesso profissional, o Outro surge muitas vezes como acessório, ou para cumprir uma função do Eu. As pessoas procuram outras para não sentirem a solidão, para confirmarem a sua verdade, para terem sexo, para serem admiradas, para terem poder e serem objeto de inveja dos demais, para dormirem acompanhadas, para não sentirem angústia, para imaginarem que têm uma relação. Nos seus estudos, Freud já havia identificado no sujeito narcisista, formas de escolha objetal, e descreve que o foco de amor está relacionado com o que se gostaria de ser ou com o objeto que possui as qualidades que o ego jamais teve. Portanto, a satisfação obtida em uma escolha objetal de tipo narcisista consiste fundamentalmente em ser amado. Então, em função da incapacidade de amar do narcisista, o objeto escolhido acaba por desencadear um efeito extremamente diminuidor sobre a autoestima (STENZEL, LISBOA, 2017).

Neste sentido, um bom exemplo é o caso das relações amorosas, nas quais há um investimento afetivo intenso por parte do narcisista, que torna o ser amado perfeito, já o amante por sua vez tem a sensação de que ele próprio não possui valor, pois toda sua energia libidinal é direcionada ao parceiro. O mesmo ocorre em um casamento fracassado, visto que todo o investimento afetivo feito no parceiro acaba voltando para o indivíduo e isso resulta em um grande sofrimento e sentimento de desvalor (GUILHERME, GREINERT, MILANI, 2017).

Considerando que muitas vezes existem situações traumáticas na história de vida dos narcisistas e alguns se tornam agressores conjugais, dessa forma, possuem a necessidade de controlar a sua parceira (o), fazendo dela (e) um espelho que reflete somente uma boa imagem de si mesmo, quando essa fusão e necessidade de controle não encontram mais sucesso, a parceira (o) é considerada uma inimiga. Nesse caso, o sujeito teme ser invadido pela angústia de

aniquilamento, sendo, então, o comportamento violento o seu escudo protetor. Trata-se de um medo infantil do desamparo que provoca dor e sofrimento (STENZEL, LISBOA, 2017).

As autoras Stenzel e Lisboa (2017), apresentam o caráter patológico do narcisismo (muito mais abordado pela psiquiatria do que pela psicanálise), e nesse caso o sujeito têm necessidade de ser permanentemente apaziguados por alguém, tornando-se dependentes. O artigo menciona que, na medida em que esses sujeitos se sentem eternamente insatisfeitos de cuidado por parte do cônjuge, reagem de forma agressiva, com impulsos ou passagem direta ao ato violento. Outros sintomas denunciam o narcisismo secundário – a falsa-modéstia, falta de empatia, uma grande susceptibilidade a qualquer tipo de rejeição evitada a todo o custo com manobras em que o sujeito narcísico procura deixar o outro refém da relação – a pensar nele sem lhe dar nada em troca.

A capacidade de amar o outro, da pessoa narcísica é projetiva e ilusória, resumindo-se por vezes à conquista de alguém que desafia a necessidade de confirmação do sujeito narcísico. Uma vez conquistado, o objeto de amor é desvalorizado e o relacionamento pode ser vivido de forma temporária. Rapidamente surgem justificações para abandonar a relação. Frases como “afinal eu não estava preparado”; “por muito que tente eu não consigo”; “sinto que não és a pessoa certa para mim” são invariavelmente formas de boicote tais como o envolvimento simultâneo ou a fantasia permanente com outras pessoas, reveladores da insatisfação do Eu consigo próprio e a procura incessante de corrigir a falha que não se quer sentir ou que não se sente. Muitas vezes, retirara do Outro sua condição de sujeito, transformando-o em objeto no sentido mais concreto do termo: o outro não é nada, e está aí para ser usado como depositário de moções pulsionais, daí claramente percebe-se relação do narcisismo com a perversão (NAVES, 1999).

4.3 PROCESSO TERAPÊUTICO DIANTE DO NARCISISMO

Alguns anos após a publicação do referido artigo, intitulada *Transferência*, Freud avaliou que o método psicanalítico não era eficaz no tratamento de problemáticas narcísicas: “A observação mostra que aqueles que sofrem de neuroses narcísicas não têm capacidade para transferência ou apenas possuem

traços insuficientes da mesma” (FREUD, 1917, p. 520). Na lógica adotada por Freud, o estabelecimento de uma relação transferencial produtiva é a condição necessária para que a expectativa do analista seja cumprida, ou melhor, para que as resistências que incidem sobre o material recalçado possam ser eliminadas. Neste ponto, é importante ressaltar que a resistência faz parte do eu e é eliminada quando este reconhece uma interpretação: “Em numerosas doenças nervosas - na histeria, nos estados de ansiedade, na neurose obsessiva - nossa expectativa cumpre-se” (FREUD, 1917, p. 510). Em outras palavras, as resistências muitas vezes são vencidas, as barreiras do recalque removidas e, assim, o material inconsciente pode ganhar acesso à consciência. O mesmo não pôde ser observado, tão frequentemente, nos casos em que os sofrimentos narcísicos ocupam lugar de destaque (KLAUTAU, 2018).

Dessa forma, coube a cada um dos psicanalistas pós-freudianos a escolha dos aspectos que deveriam ser privilegiados na teorização de suas preocupações clínicas. Com o intuito de alargar o alcance da técnica analítica para além do terreno das neuroses de defesa e incluir as diferentes manifestações clínicas dos sofrimentos narcísicos, psicanalistas que seguiram diferentes caminhos foram, cada vez mais, efetuando um recuo aos primórdios da constituição da subjetividade, mais precisamente a uma época do desenvolvimento infantil que antecede o estabelecimento do status de unidade do eu. Tal movimento em direção a um tempo anterior ao estabelecimento da linguagem verbal possibilitou a busca de ferramentas teóricas e clínicas para a compreensão dos sofrimentos narcísicos (KLAUTAU, 2018).

Na atualidade, pela crescente demanda nas clínicas psicanalíticas tem se discutido acerca das modificações técnicas exigidas pelos quadros clínicos que se configuram como patologias do narcisismo, quadros considerados refratários à análise e que muitas vezes confronta a psicanálise clássica. A natureza dos impasses colocados por tais pacientes à prática clínica parece estar ligada à particularidade de seu funcionamento psíquico, o que pode indicar certa prevalência da pulsão de morte sobre o princípio de prazer. Diferentemente do neurótico, o sofrimento subjetivo que predomina nestes casos não pode ser totalmente atribuído a um sintoma remetido a material recalçado. Embora na maior parte das vezes estes também apresentem sintomas neuróticos, que, nesses casos, tendem a um lugar

secundário em sua organização subjetiva. Isso porque o início de seu sofrimento não se encontra atrelada a questões em que a dinâmica do desejo e do recalque se fariam presentes. A fragilidade narcísica se revela como prioridade como na vida psíquica desses sujeitos (ANDRADE, TOSTES, WINOGRAD, 2018).

Para estabelecer conexões entre conteúdos não-representados, torna-se necessário que o analista participe, com sua presença sensível, do trabalho associativo. Isto inclui a totalidade de elementos que constituem o relacionamento analítico, dos quais a contratransferência e a neutralidade do analista merecem destaque. Numa visão ampliada, a contratransferência não se encontra limitada aos aspectos positivos e negativos produzidos pela transferência. Ela vai além e abrange todo o funcionamento psíquico do analista. Desta forma, quando adicionada como um ingrediente à prática clínica, a presença do analista passa a incluir a qualidade de suas percepções, envolvendo, assim, mudanças de sensibilidade e de atenção. A partir desta lógica, ao participar da sessão com seus processos psíquicos, o analista utiliza o próprio funcionamento mental como ferramenta de trabalho (KLAUTAU, 2018).

Seguindo essa lógica, a capacidade de identificação e de empatia ou, em outras palavras, a qualidade da presença do analista funciona como um ingrediente para garantir a extensão do método psicanalítico à escuta dos sofrimentos narcísicos. Sendo assim, para estes tipos de sofrimento, é preciso adaptar a técnica e, sobretudo, encarar o *setting* como parte integrante do analista, na medida em que este pode se constituir como peça fundamental para uma melhor compreensão de modos de subjetivação que encontram raízes nas experiências vividas nas fases mais precoces da constituição do psiquismo. Uma medida como esta permite alargar o horizonte de intervenções, incluindo possibilidades de ação que o uso do método psicanalítico clássico, que tem seu referencial teórico principal ancorado na interpretação das fantasias edípicas e de castração, não comporta (KLAUTAU, 2018).

Desta forma, o narcisismo secundário tão prejudicial nas relações, não pode ser visto como pelo analista como o excesso de amor-próprio, mas sim na sua falta crônica, levando o indivíduo a realizar esforços insaciáveis para substituir essa falta pela admiração externa. O que gera uma ambivalência narcísica: o indivíduo considera-se demasiado importante e no momento em que a realidade não lhe traz

provas desse fato, surge o sentimento de não ser nada, daí necessitar de constantes confirmações daquilo que idealiza de si (WIECZOREK, 2016).

Portanto, no método psicanalítico, na medida em que, durante a sessão, o inconsciente do analista engloba o do paciente, o psicanalista pode usar a contratransferência como um instrumento facilitador da compreensão do inconsciente do analisando. Usar a contratransferência como um instrumento facilitador da compreensão do inconsciente do analisando não significa admitir o abandono do conceito de neutralidade. Pelo contrário, se partirmos da diferença entre abstinência (funciona como um espelho - não mostrar-lhes nada, exceto o que lhes é mostrado) e neutralidade (abster-se de qualquer tipo de atividade que não seja a de interpretar, ela inclui a proibição de qualquer tipo de gratificação e preservar o anonimato) é possível conceber a presença do analista como uma forma de proximidade neutra. É importante lembrar que tal tipo de proximidade não diz respeito ao compartilhamento de experiências conscientes ligadas a valores estéticos ou juízos morais (KLAUTAU, 2018).

Assim como citado anteriormente, Aquino e Assis (2016) referem que o consultório psicanalítico na atualidade é convidado a se deparar com novas modificações subjetivas que envolvem muitas patologias ligadas ao narcisismo. Para comprovar essa informação, o autor descreve sobre os casos-limites, ou pacientes que utilizam a fantasia como maneira de preencher um vazio constante, recorrente e difícil de ser suprido. Temos, também, casos em que há uma grande dificuldade em manter relações afetivas saudáveis e duradouras, principalmente com relação ao casamento, existindo, por vezes, horror às relações sexuais. Os diagnósticos que envolvem a problemática narcísica são variados na contemporaneidade, ou seja, entra em cena a depressão, bulimia, drogadição e também a anorexia.

Segundo Birman (2012), as pessoas estão presas nas armadilhas de seus frágeis egos, os vínculos da sociedade ficaram circunscritos à imagem, ou seja estamos vivenciando o momento em que a cena social ficou reduzida à eloquência do narcisismo, um mundo marcado pela constante veneração da imagem de si mesmo, para o olhar e elogio do outro, em um campo influenciado pela sedução e pela estética da perfeição.

A tensão sentida neste tipo de personalidade é a angústia de insuficiência em relação aos ideais internos e às exigências externas e que, devido a esta, o

consciente adota mecanismos de defesa e mecanismos para construir uma representação de si que diminua esse sofrimento narcísico, vivendo, tal como Narciso, sem se conhecer a si próprio. O funcionamento psíquico desta perturbação deixa de ser visto como uma exuberância narcísica manifesta e passa a ser compreendido, na sua verdadeira essência, como uma própria falha narcísica latente que faz o sujeito procurar incansavelmente contacto com o seu Eu idealizado para fins compensatórios e de preservação da sua insegura identidade e sua saúde mental (AQUINO, ASSIS, 2016).

Conclui-se como importante rever a teoria e a prática que guia o profissional de saúde mental para que se possa dar conta de casos reconhecidos como de difícil manejo na clínica contemporânea. Portanto, parece considerável mencionar que, se os profissionais que se prepararam para cuidar do sujeito em sua singularidade não se dispuserem a refletir a respeito do que está no limite da representação, não será possível desejar que os sujeitos imergidos na dor possam se pensar nesse sentido. Assim, a função do analista, ou do profissional de saúde mental, é a de sustentar as forças necessárias para que os indivíduos encontrem destinos mais criativos e adaptados para as situações de crise, deixando de serem sozinhos no drama que se estabelece em seu dia a dia. Para atingir tal objetivo, o analista precisa ser dotado de disponibilidade emocional que caracteriza a qualidade de possuir e exercer a empatia. Para finalizar, considera-se crucial que, ao ser cuidado e escutado, o sujeito não pode ficar à mercê de outros tipos de violência: a da indiferença diante do relato de seu sofrimento, independente de atos moralmente incorretos que o mesmo tenha cometido. Frente a tantas experiências de desamor, o acolhimento ético e empático deste sujeito pode demarcar um divisor na forma dele se relacionar (STENZEL, LISBOA, 2017).

4.4 PROCESSO TERAPÊUTICO DO PARCEIRO DO NARCISISTA

Tendo em vista a abrangência e importância da noção de narcisismo para a Psicanálise e para o entendimento do sujeito na contemporaneidade, bem como seus desdobramentos para a compreensão de suas influências na conjugalidade, acredita-se que proporcionar espaços de escuta e reflexão seja o passo primordial no caminho da transformação daquilo que pode ser herança do passado em patrimônio do futuro. Ou seja, é preciso oportunizar espaços de encontro em saúde

mental que proporcionem vivências de respeito e de testemunho da dor do passado ou mesmo do presente, legitimando e nomeando o sofrimento vivido pelos parceiros de narcisistas para que se possa iniciar a construção de outros modos de se vincular e vencer os traumas. A partir dessa diferença marcada pelo relacionamento interpessoal oferecido pelo terapeuta, novos recursos psíquicos podem ser criados através dessa nova relação (terapêutica). Desta forma, espera-se que sejam conquistadas diversas habilidades que os relacionamentos íntimos exigem para que se alcance prazer e satisfação, ao invés do desamor, indiferença, egoísmo e por vezes violência (STENZEL, LISBOA, 2017).

Nesse sentido, lança-se mão dos recursos teóricos e técnicos da psicanálise para explicitar uma forma de trabalho que se entende como preciosa quando se tem um parceiro narcisista. Considera-se imperioso fazer surgir, na relação terapêutica, afetos que, por sua dimensão traumática, provocam cisões patológicas para o sujeito, sendo este o início da possibilidade de elaboração das experiências traumáticas. É essencial que se explicita no *setting* terapêutico, através da transferência, a possibilidade de o sujeito significar a dor. Ao marcar a diferença entre agir a dor e expressar a dor, a repetição desses afetos na relação terapêutica permite o ressignificar das experiências traumáticas. Entende-se que a técnica psicanalítica possibilita a modificação dos conflitos através da transformação do universo simbólico. A elaboração é um trabalho de simbolização que permite a criação de laços associativos que possibilitam o desprendimento do aprisionamento psíquico. Acredita-se que, se o sujeito for capaz de nomear o excesso que invadiu o seu psiquismo tanto da relação abusiva ou até mesmo desde tenra idade, torna-se mais fácil integrar as excitações psíquicas e estabelecer entre elas conexões associativas, ou seja, o trabalho de elaboração por parte do aparelho psíquico (STENZEL, LISBOA, 2017).

Para Freud (1914), a pessoa que vivencia uma frustração amorosa se depara com a seguinte situação “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar”, portanto, será necessário ressignificar e recomeçar, e o processo terapêutico é um grande primeiro passo (GUILHERME, GREINERT, MILANI, 2017)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação com a pessoa narcísica é uma relação difícil e com grande possibilidade ao fracasso porque esta não reconhece a existência do outro enquanto alguém diferente e capaz de amar. O narcisista vê no outro projeções de partes de si próprio ou fantasias onipotentes e procuram preencher os vazios do seu desenvolvimento. No narcisismo patológico, as fronteiras entre o Eu e o Outro são dissolvidas ao ponto de Um ser o Outro e de deixar de haver distinção entre o Eu e o Outro. Exemplos destas situações são as relações em espelho, nas quais as pessoas procuram outras muito parecidas consigo que espelhem e reduzam este sentimento de insuficiência. Em outros casos, o sujeito procura alguém importante ou visto de forma idealizada para se apropriar destas mesmas qualidades ao fundir-se com o Outro.

Os traços e organizações de personalidade são estruturas psíquicas de funcionamento enraizadas pelo que são muito difíceis de controlar e contrariar. Quando se tem uma personalidade com traços narcísicos, um dos piores fatores opostos à cura é o fato de o sujeito negar o seu problema e rejeitar qualquer ajuda. A abordagem clínica deste tipo de perturbação é demorada e com bastantes dificuldades, destacando-se a forte resistência por parte do sujeito, e a especial atenção que o analista ou psicólogo de abordagem psicanalítica deve ter para não ferir a susceptibilidade narcísica que é muito sensível. Por outro lado, o processo terapêutico do parceiro narcisista é pautado no respeito à dor, legitimando e nomeando o sofrimento vivido para que se possa iniciar a construção de outros modos de se vincular e vencer os traumas.

Contudo, verifica-se a falta de estudos da temática narcisismo e conjugalidade, o que traz a necessidade de mais pesquisas por parte de estudiosos na área da psicologia clínica, em especial da psicanálise, com intuito de aprofundar seus conhecimentos para atendimento dessa demanda crescente. E a psicanálise pode contribuir para tirar o foco da patologia, do transtorno mental e contextualizar melhor os sintomas e a forma de funcionamento do indivíduo, seja o que apresenta o narcisismo secundário ou até mesmo na forma mais extrema da perversão narcísica.

REFERÊNCIAS

ALVES-SILVA, J.D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. **Contextos Clínicos**, v.9, n. 1, p. 32-50, janeiro-junho 2016.

AMORIM, A.N.; STENGEL, M. Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, v.19, n. 3, p.157-238, 2014.

ANDRADE, A. B.; TOSTES, I.; WINOGRAD, M. A guardiã do túmulo: vicissitudes clínicas das patologias do narcisismo. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 21, n.1,p. 16-30, mar. 2018.

AQUINO, A. R; DE ASSIM, M. F. P. Narcisismo: subjetividades contemporâneas. **ECOS Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 6, n. 2, 2016.

ARAUJO, M. G. Considerações sobre o narcisismo. **Estud. Psicanal.** Belo Horizonte, n. 34, p. 79-82, dez. 2010 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 dez. 2019.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetificação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTRO-LOPEZ, R.; MOLERO, D.; CACHÓN - ZAGALAZ, J.; ZAGALAZ - SÁNCHEZ, M. Factores de la personalidad y fisiculturismo: Indicadores asociados a la vigorexia. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 23, n. 2, p. 295-300, 2014.

CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos.** 2011. Disponível em: <http://vision.ime.usp.br/~acmt/conforto.pdf>. Acesso em: 01 agosto 2018.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESSUANT, P. **O narcisismo.** Tradução de Ricardo Luiz Saliby. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

EIGUER, A. A perversão narcísica, um conceito em evolução. **Revista Brasileira de Psicanálise.** São Paulo, V.48, n.3, p. 93-104, 2014.

ELLIS, H. Auto-erotism: a psychological study. **The Alienist and Neurologist.** St. Louis: Hughes & Company, n. 19, p. 260-299, 1898.

FALCÃO, L. Cem anos de narcisismo: aquém da psicanálise e além de Freud. **Revista Brasileira de Psicanálise.** São Paulo, v.48, n,3, p, 41-56, 2014.

FÉRES-CARNEIRO, T.; NETO, ORESTES DINIZ. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. Belo Horizonte-MG, **Paidéia** maio-ago. 2010, Vol. 20, No. 46, 269-278 1. Disponível em: < www.scielo.br/paideia>. Acesso em:

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). v. 7. In: Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). **Sobre o narcisismo: uma Introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (ESB, 14).

_____. **Conferência XXVII (1917[1916-17])**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Ed. standard brasileira das obras completas, 14).

GAIO, F. M; SIMANKE, R. T. **Narcisismo e corporeidade em Freud**. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Juíz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Juiz de fora 2015.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

GUILHERME, G.B.O.; GREINERT, B.R.M.; MILANI, G.G. **Alienação Parental e Narcisismo nos Vínculos Familiares**: Estudo de Caso. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.14 n.25; p. 2017.

KLAUTAU, P. Sobre o narcisismo como campo de pesquisa: variações da técnica psicanalítica e desdobramentos clínicos. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 365-375, Dec. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982018000300365&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 14 Jun. 2020.

LANGARO, F. N.; BENETTI, S.P.C. Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. **Psicol. clin. [online]**, v. 26, n. 2, p.197-215, 2014. ISSN 0103-5665.

LANGARO, F.N.; BENETTI, S. Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 197-215, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Jun. 2020.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAZZARINI, R. E.; VIANA, C. T. Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. **Análise Psicológica**, Brasília, v.18, p. 269-280, 2010.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanal.** Rio de Janeiro , v. 43, n. 1, p. 45-57, jun. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 dez. 2019.

MACHADO, R. N. MAGALHAES, A. S. PALERMO, F. R. Espaço potencial conjugal: um estudo sobre o empobrecimento do laço conjugal. **Cadernos de Psicanálise**, v. 32, p. 33-42, 2016.

MARCOS, C.M. A introdução do narcisismo na metapsicologia e suas consequências clínicas. **Rev. Analytica**, São João del-Rei, v. 5, n. 8, p. 6-30, janeiro/junho de 2016.

MARTINS, A. Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. **Cad. Psicanál.-CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 37-56, 2009.

MONTI, M.R. Contrato narcisista e clínica do vazio. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 239-253, Jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Jun. 2020.

MOREIRA, I.G; TEIXEIRA, A.M.R. Diagnóstico em psicanálise: da estrutura ao discurso. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 739-760, Dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142018000400739&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Jun. 2020.

NAVES, E.T. O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 108-120, Jun. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47141999000200108&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Jun. 2020.

NEVES, A. S.; DIAS, A. S. F.; PARAVIDINI, J. L. L. A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n.11, p. 73-87, 2013.

PADOVAN. C. As Origens Médico-Psiquiátricas do Conceito Psicanalítico de Narcisismo. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 20 n. 3 set/dez, p. 634-64, 2017.

REIS FILHO, J.T.; OLIVEIRA, L.M.L.; SANCHES, N.R.A.; CECCARELLI, P.aulo R.; FERREIRA, R.M.; ABRAS, R.M.G.; FOSCARINI, S.R.G. Trauma, perversão e laço conjugal. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 77-84, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01023952004000100008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 16 jun. 2020.

SADGER, I. Die Bedeutung der psychoanalytischen Methode nach Freud. **Zentralblatt für Nervenheilkunde und Psychiatrie**. Berlin und Leipzig: Vogel & Kreienbrink, v. 30, p. 41-52, 1908.

SARAIVA, J. E. M. Do individualismo moderno ao narcisismo contemporâneo: a produção da subjetividade na cultura do consumo. **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**, v. 2, p. 47-64, 2000.

SHARIM, D. Tempos de individualização e narcisismo: o monólogo coletivo nos laços da intimidade. **Psicol. Conhecido. Soc.**, Montevidéu, v. 6, n. 2 P. 135-164, novembro 2016. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-

70262016000200008&lng=es&nrm=iso>. acesso em: 18 de jun. 2020.

SOARES, L. R. **A identificação e o narcisismo na melancolia – reflexões a partir da obra freudiana**. 2014, 135f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de pós-graduação em psicologia clínica e cultura. Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SOBRINHO, P. J. “Meu selfie”: a representação do corpo na rede social Facebook. **Artefactum - revista de estudos em Linguagens e Tecnologias**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 120-133, 2014.

STENZEL, G.Q.L.; LISBOA, C.S.M. Aprisionamento psíquico sob uma perspectiva psicanalítica: estudo de caso de um agressor conjugal. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 625-633, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000300625&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Jun. 2020.

WIECZOREK, R. T. Da academia para o divã: reflexões sobre o narcisismo. **Aletheia**, v.49, n.2, p.20-29, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/v49n2/v49n2a03.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2018.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de Técnica Psicanalítica: Uma Revisão**. Editora Artmed, 2004.